

82.09
A8484
ex 1
C92569080

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 007114 512

Data 25 / 05 / 05

() Compra (x) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

FAULKNER: O PINTOR DO DESNORTEIO DO HOMEM

Maria Aparecida de Assis

Pontes e Lacerda – MT

2004

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

FAULKNER: O PINTOR DO DESNORTEIO DO HOMEM

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Vanderlucé Moreira Machado
Oliveira.

Pontes e Lacerda – MT

2004

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora.

Local e data da aprovação

Às minhas filhas Keury, Kamilla e a
Vande.

Agradeço a Deus, aos meus pais, Onofra e David, aos meus irmãos Telvane e Marli, e minha amiga Joana pessoas que sempre estiveram ao meu lado incentivando-me. E em especial a minha professora e orientadora, Vanderluce Moreira Machado Oliveira, pela compreensão e dedicação.

De tudo ficaram três coisas:
A certeza de que estamos começando,
a certeza de que é preciso continuar
e a certeza de que podemos ser
interrompidos antes de terminar.

Façamos da interrupção
um caminho novo.
Da queda um passo de dança,
do medo uma escada,
do sonho uma ponte
da procura um encontro.

(Fernando Sabino)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
FAULKNER: O PINTOR DO DESNORTEIO DO HOMEM	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
BIBLIOGRAFIA.....	29

RESUMO

O trabalho em questão, expõe uma análise sobre o romance “Enquanto Agonizo” (1930), do escritor norte-americano Willina Faulkner, destacando o desnorteio e a fragilidade do homem contemporâneo, que mergulhado em seu próprio ser faz questionamentos e reflexões na tentativa de buscar um conhecimento mais detalhado a cerca de si e do outro.

PALAVRAS-CHAVE: desnorteio, reflexão, contemporâneo, conflito, dúvida.

INTRODUÇÃO

Este ensaio monográfico refletirá sobre o desnorteio, a fragilidade, a saber o descentramento do homem contemporâneo, que vive de forma fragmentada no sistema em que está inserido, isso a partir da obra “Enquanto Agonizo” (1930), do escritor norte-americano, Willian Faulkner. A partir da observação dos personagens será dada ênfase ao desnorteio do homem, numa tentativa de melhor compreendê-lo.

Para isso averiguar-se-á os fatores que têm contribuído para esse desnorteio, essa fragmentação e ao mesmo tempo fragilidade do homem pós-moderno. Assim realizar-se-á uma pesquisa bibliográfica a estudiosos precedentes na busca de um entendimento mais detalhado a cerca do assunto. Objetiva-se com isso, responder inquietações sobre o tema proposto e simultaneamente trazer a baila reflexões sobre o homem e seu sentido de estar no mundo. Espera-se com isso proporcionar ao leitor uma melhor compreensão sobre a obra em análise, bem como, sobre a literatura contemporânea, vale ressaltar, o pós-modernismo, estilo literário tido como bastante contraditório, que tem como um de seus preconizadores Willian Faulkner.

FAULKNER: O PINTOR DO DESNORTEIO DO HOMEM

A literatura sempre desperta interesse especial nas pessoas, isso dá-se pelo fato de abordar temas relacionados ao real, à vidas das pessoas, isso através de estilização formal. Dessa maneira pode-se afirmar que a literatura é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade. Além disso, propicia às pessoas conhecimento, expressão, evasão, escapismo, dentre outros. Nesse sentido, a literatura propicia ao homem uma compreensão acerca de si e do outro e de seu sentido de estar no mundo.

Por esse motivo, neste ensaio monográfico trabalhar-se-á com literatura, mais especificamente com a obra "Enquanto agonizo" (1930), do escritor Norte-americano, Willian Faulkner. A escolha dessa obra deu-se pelo seguinte fato, por tratar-se de temas relacionados ao cotidiano de pessoas comuns, pessoas pobres, sofridas, lutando com as armas que dispõe para livrarem-se do jugo do sistema brutal onde estão inseridas, assim demonstrando o desnorteio do homem contemporâneo. Com isso visa-se fazer uma análise sobre os personagens da obra, evidenciando as suas dúvidas, seus medos, seus conflitos e desnorteio, assim, trazendo à tona os paradoxos, as dicotomias da imagem do homem moderno pintado por Willian Faulkner.

Toda a ação, o enredo da obra gira em torno do sepultamento da matriarca da família Bundren, a senhora Adie Bundren, que quando viva expressou a família, o desejo de ser enterrada na cidade onde sua família fora enterrada. No propósito de cumprir esta tarefa a família permanece unida, mas ao mesmo tempo distante, passando por vários problemas e tormentos, em que percebe-se que cada personagem traz com si uma dúvida, um conflito muito grande, mas isso de uma forma internalizada, nota-se isso, porque cada personagem narra sua própria história, por isso, pode-se dizer que é uma narrativa que configura-se como fluxo de consciência, construída como uma colcha de retalhos em que cada pedaço é costurado, ou suturado um no outro formando um todo. Pode-se afirmar que parece ser a narrativa de contos independentes, que unidos formam a obra, vale dizer que este é o estilo empregado pelos escritores modernos e ou pós-modernos, a exemplo, de Faulkner que é um dos precursores desse gênero de romances ao lado de James Joyce, dentre outros.

A obra "Enquanto agonizo" (1930), relata a história da família Bundren e suas desventuras. Adie Bundren a matriarca da família antes de morrer pede para ser sepultada na cidade onde nasceu, Jefferson, ao sul dos Estados Unidos. Os fatos que antecedem sua morte

revelam que ela nunca fora uma mulher feliz. Antes de se casar era professora, quando casa-se com Anse Bundren vai morar num pequeno sítio no interior Mississipi, assim fica envolvida apenas com trabalhos domésticos, com o nascimento dos filhos, fica cada vez mais presa às atividades domésticas. Anse o marido, um homem egoísta, duro parece não dar muita atenção às aflições da mulher, ao contrário parece que até gosta de atormentá-la. Vive da exploração do trabalho dos filhos, pensa que por eles serem seus os frutos de seus trabalhos também são.

Willian Faulkner, é considerado um dos maiores escritores norte-americanos do século XX, escreveu romances psicológicos com enredos fatalistas carregados de simbologia. Ele desvendou como ninguém o âmago do homem rude, fez emergir de suas grotescas almas a essência humana: o egoísmo mesclado de agonia, ambição, avareza e desesperança, que se fundem com a terra de forma tal que torna impossível saber se é, o fel do homem que amarga a terra ou se é a terra severa, dura que torna o homem amargo, a exemplo: “(...) todas as coisas, o tempo, tudo dura demais. Como nossos rios, nossa terra: opacos lentos, violentos; moldando e criando a vida de um homem à sua implacável e taciturna imagem. (FAULKNER, 2001, p. 44)”

O narrador é indivíduo que conta à história, ele pode ser um personagem que conta os fatos segundo sua visão, ou pode ser um observador que conta à história sem estar participando da mesma. Entre estes tipos de narradores, o observador tem uma visão mais ampla, pois observa os fatos de maneira onipresente, lendo os pensamentos dos personagens e assim acaba sabendo de tudo que acontece e o que já aconteceu com os personagens.

O romance contemporâneo coloca o narrador em uma nova posição, este passa a apresentar várias facetas, ou seja, no romance contemporâneo o narrador passa a ter, responsabilidade não de um personagem ou de alguém que observa a história de maneira onipresente, mas passa a ter uma feição mais ampla ao ser o próprio narrador que conta sua história falando de sua opinião sobre os fatos ocorridos. Um tipo de romance: intitulado de fluxo de consciência coloca o personagem em um monólogo interior e o faz refletir sobre sua vida e os problemas da existência, e o mais importante refletir sobre a alma humana. Os escritores que se destacaram neste tipo de romance foram: James Joyce, Clarice Lispector, Virginia Woolf, William Faulkner, entre outros.

A obra “Enquanto Agonizo” de Willian Faulkner, relata a história de uma de uma família que anda pelo interior do estado americano do Mississipi para enterrar sua matriarca, conforme já foi dito. Este obra, apresenta um esquema narrativo curioso e como foi exposto acima têm características do romance de introspecção psicológica, pois o tempo não segue uma

seqüência cronológica mas sim psicológica, pois cada personagem narra sua própria história, em forma de monólogos, assim expondo seus desejos loucos, as frustrações, o tempo existencial, o espaço vital dos personagens, como já foi dito, são os próprios personagens que contam as suas experiências.

O escritor Willian Faulkner, segundo Carolina Nabuco (2000) apresenta homens de coragem que enfrentam a vida sem ver obstáculos. Um exemplo disso na obra “Enquanto Agonizo” é Anse que procura pagar a promessa feita à mulher de qualquer maneira e para obter sucesso não se importa em enfrentar situações adversas para concretizar seus propósitos. A persistência de Anse em pagar a promessa feita a sua mulher pode ser enxergada como uma maneira de pagar a vida dura que ela levou ao lado dele, pode-se dizer que reflete a angústia de Anse em ser um devedor e pode-se lembrar que o pagamento da promessa o libertaria para continuar sua vida, observa-se isso na seguinte citação: “Tentei fazer o que ela desejava. O senhor me perdoará a conduta daqueles que Ele me enviou” (Faulkner: 2001: 93). Ao mesmo tempo é possível perceber no comportamento de Ase um alto grau de passividade, mais sobre isso falar-se-á mais adiante.

Além do que foi explanado acima observa-se na citação que Anse lamenta ver que seus filhos, por não possuírem muito apressado por ele se negam fazer tudo que ele os pede, mas ele acaba os obrigando. Isto acontece devido à vida dura que eles tiveram e a extrema rigidez que o pai demonstrou na criação dos filhos. Como observa-se no seguinte excerto: “Não espero que você tenha nenhum respeito por mim, digo. Mas pela sua mãe que ainda nem esfriou no caixão.” (Faulkner: 2001, 92).

Anse embrutecido pela vida, atrelado ao sistema do qual não via meios para sair, passa a ter uma postura dura, castradora, que limita e corta os desejos dos filhos. Não permite que eles tomem o rumo de suas vidas, ao contrário os prende, como se fosse sua, como se eles não possuíssem vontade própria. Vê-se preso a uma situação total de miséria e abandono, pois nem dentes têm mais na boca para mastigar os alimentos, fato que lamenta muito, inclusive considera falta de dignidade, um homem não Ter dentes para mastigar os alimentos como se verifica no fragmento abaixo:

E agora eu tenho que pagar por tudo, sem um dente na boca, esperando ganhar suficiente para conseguir arrumar minha boca e poder comer os alimentos de Deus como um homem deve fazer, e ela forte e sã como nenhuma outra mulher nesta terra até aquele dia. Tenho que pagar por precisar daqueles três dólares. Tenho que pagar por fazer os rapazes irem atrás desse dinheiro. (FAULKNER, 2001, p. 37)

A brutalidade de Anse com seus filhos e sua esposa lembra a dureza que se tornou a vida depois do pós-guerra nos estados vencidos. A vida ficou muito dura para a aristocracia rural que comandava a região. Isso observa-se no livro de Faulkner ao vermos que Cora faz um bolo por encomenda e que a pessoa que o pediu não o quis depois de pronto. Ela ficou profundamente chateada com isso, pois ela usou ovos que poderiam ser usados para outras coisas mais importantes.

“Então fiz os bolos ontem, com mais cuidado do que nunca, e eles ficaram muitos bons. Mas quando chegamos à cidade esta manhã Miss Lawington me disse que a mulher tinha mudado de idéia e não ia mais fazer a festa. Ela deveria ficar com os bolos.” (FAULKNER: 2001,13).

Isso retrata a situação de miséria a que foi submetida o meio rural, um ovo para eles representava muito, pois qualquer coisa que pudessem economizar os ajudaria a enfrentar a escassez de alimentos. Em contrapartida demonstra também a falta de respeito e solidariedade da classe dominante que poderia se solidarizar com pobres, mas que ao contrário, parece dificultar suas vidas, como o episódio dos bolos de Cora.

Observa-se que os personagens de Faulkner assumem a posição de narradores um artifício da contemporaneidade, assim assumem uma faceta que auxilia no fluxo de consciência dos personagens, pois os mesmos contam suas histórias e isso acaba por torná-los mais humanos, porque acabam por descobrir seus medos e angústias, pois aprendem por vivenciarem as coisas, assim os personagens faulknerianos são puros ficcionistas.

Pode-se afirmar que na obra “Enquanto Agonizo”, o autor incorporou dos movimentos de vanguarda o monólogo interior, a superposição de planos temporais e a multiplicidade de pontos de vista sobre um mesmo fato ou personagem, assim constrói um texto polissêmico com várias possibilidades de leituras. Tanto que Faulkner não opta por um narrador, mas por vários narradores personagens que vão contando suas histórias através de flashbacks que vão se atrelando uma a outra. Como já foi dito o tema central da obra é a odisséia de uma família pobre do sul dos EUA para enterrar sua matriarca. Contudo no desenrolar da história se desencadeia um processo que traz à tona o real motivo da viagem para cada um dos personagens, para que cada um deles, que em busca de atingir seus propósitos, compactuavam do embuste dirigido por Anse Bundren, o chefe da família.

Nesta obra, o autor demonstrou sua capacidade em traduzir em palavras os silêncios dos pobres das terras mais inóspitas do Mississipi. Os personagens quase não falam entre si ou com terceiros, ficam monologando com sigio mesmo, o tempo cronológico é praticamente dissolvido. A partir dos monólogos, os acontecimentos são vistos e sentidos por cada um deles no decorrer do cortejo fúnebre, sob as intempéries, a história vai sendo costurada como se fosse uma colcha de retalho, pois a obra é conforme já foi dito narrada por cada personagem narrador que conta sua própria história. Conforme HARVEY (1987) os romances pós-modernos se caracterizam pela passagem de um dominante “epistemológico” a um “ontológico”. Pode-se dizer que a obra “Enquanto agonizo”, se configura neste padrão de romances definido por David Harvey como pós-moderno.

Anse Budren, um pequeno sitiante, é o personagem principal que Faulkner emprega nesta obra, com a finalidade de revelar a alma de um homem avaro, mesquinho e rude. Que faz chantagens e extorque a própria família sem o menor escrúpulo. Não gostava de trabalhar, isso pode se verificar em sua camisa que não tinha marcas deixadas pelo suor como tinham as camisas de seus filhos, a título de exemplo: “E não havia suor. Por isso você poderia dizer que não tinham sido de mais ninguém além de Anse sem nenhuma dúvida”. (FAULKNER, 2001, p.32) apóia-se no Supremo Criador para justificar sua falta de atitude, ou até mesmo para continuar em sua atitude passiva, ao invés de tomar o rumo de sua vida, se bem que das escolhas que fizesse seria o próprio responsável pelas conseqüências advindas delas, por isso preferia depositar tudo em Deus, e viver como se fosse marionete em suas mãos;

Quando ele quer que uma coisa se mexa sempre, faz bem grade. como uma estréia ou um cavalo ou uma carroça, mas quando ele quer que uma coisa fique imóvel, faz para cima, como uma árvore ou um homem. (FAULKNER, 2001, p. 33)

Anse justifica sua atitude passiva diante das situações colocando a culpa em Deus, pois conforme ele o homem foi feito para ficar imóvel, pensando assim ele não se sentia responsável pela dura situação que ele e seus familiares se encontravam.

Anse sempre deu prioridade a outras questões em detrimento do ser humano, inclusive sua esposa, no período que precedeu a morte dela, mesmo assim ainda encontrava desculpa; “foi uma coisa e depois outra,” e continua; “O milho os meninos e eu queríamos colher todo, e Dewell Dell cuidando dela direito, e o pessoal entrando oferecendo e tudo aí eu pensei (...)” (FAULKNER, 2001, p.44). Ele se aproveita do enterro de sua esposa para ir à cidade e se

vale-se do pretexto de que “era a vontade dela” ser sepultada junto de seus familiares em Jefferson para obrigar a todos os seus filhos a não pouparem esforços e sacrifícios na excussão desta difícil tarefa, sempre repetia; “Eu prometi para ela” ou “Ela não tirava isso da cabeça” (Ibidem, p, 98).

Os três filhos mais velhos da família Bundren, apesar de adultos se sujeitavam à vontade do pai e abdicavam de seus desejos em detrimento dos caprichos do pai, que se aproveitava do trabalho deles como se fossem seus escravos sem o direito de decidirem sobre suas próprias vidas, privados de desfrutar dos prazeres da juventude que clamavam seus corpos e suas mentes ansiavam. Conforme NABUCO (2000) O pessimismo dos autores reflete-se nos seus personagens e impede-os de viverem intensamente cada momento da vida, inclusive os dos prazeres que vigor físico possa colher.

Addie Bundren, uma mulher que passara pela vida sem conhecer o verdadeiro amor, agora estava morrendo, e sua morte iria servir a vários propósitos como ela havia servido enquanto vivia; “Minha vida é um reconhecimento e expiação do meu pecado” (FAULKNER, 2001, p. 144). A vida se esvaiu de seu corpo da mesma forma que ela havia se privado de vivê-la, sem fazer a menor diferença para sua família. Só que agora era como se ela não fizesse parte daquele funesto cenário, mas assistisse a tudo a partir de outro plano em que pudesse não apenas observar os gestos e atitudes de seus familiares, mas também mergulhar em suas almas, perceber o que se passava no âmago deles e narrar os seus sentimentos individualizados enquanto ela agonizava.

Faulkner empregou um estilo obscuro e denso como as florestas do Mississippi e demonstrou que a agonia de Addie não durou apenas os dias que precederam sua morte, mas durante todo o período do cortejo fúnebre, pois ela acompanhava o sofrimento de cada um, vale lembrar que não o sofrimento por sua morte, mas a agonia particular por seus conflitos individuais. Além de sua desilusão por saber que sua morte não causara tristeza em nenhum deles, exceto a Vardmam que ainda era criança, agora ela percebia também que seu enterro estava sendo usado para ajudá-los na resolução de seus próprios conflitos individuais, tendo sua morte como uma cortina para oculta-los.

Addie havia feito seu marido prometer que a sepultaria junto com seus entes queridos em Jefferson para que seu corpo não repousasse em sua companhia, pois ela não guardava boas lembranças deles, como se vê em; “Eu só lembrava como meu pai costumava dizer que a razão para se viver era se preparar para estar morto durante muito tempo. (FAULKNER, 2001, p. 147). Ela também tinha o seu motivo oculto para fazer esta jornada depois de morta,

pois o seu casamento não preencheria o vazio de sua alma, a exemplo; “Minha solidão fora violada e depois feita inteira de novo pela violação: tempo, Anse, amor, o que você quiser, fora do círculo.” (FAULKNER, 2001p. 150). Mesmo sabendo que aquele casamento sem amor não era culpa de seu marido, pois ele também não passava de vítima das circunstâncias, mas era a pessoa em que poderia vingar-se dos dissabores de sua vida, como observa-se no fragmento:

(...) minha vingança sei que ele nunca saberia que eu estava me vingando. E quando Darl nasceu pedi a Anse que promettesse me levar de volta a Jefferson quando eu morresse, porque eu sabia que meu pai tinha estado certo, mesmo quando ele não pudesse mais saber que estava certo do que eu poderia saber que estava errada. (FAULKNER, 2001 p. 150).

Addie sabia de seu pecado e aceitava sua sentença, mas não concordava que os sentimentos podiam ser designados apenas com palavras; “(...) pecado e amor medo são apenas sons que pessoas que nunca pecaram nem amaram nem temeram utilizam para designar o que jamais tiveram nem poderão ter até que esqueçam as palavras.” (FAULKNER, 2001, p. 151).

Para os personagens do romance “Enquanto Agonizo”, tão embrutecidos pelo sofrimento imposto pela vida, presenciar o definhamento da mãe por diversos dias, bem como o triste enterro, parecem lhes mais fácil sufocar a dor de mais uma perda, já que a eles, quase tudo fora negado.

Na verdade, a morte eminente de Addie Bundren, para a família, representava uma oportunidade única, na qual, todos poderiam resolver seus conflitos. Não se pensa no insuportável sofrimento da mãe, pois, o médico só é chamado no último momento, quando já não havia nada mais a ser feito. Abreviar sua agonia, parece não estar nos planos de Anse Bundren, o marido, uma vez que, em resposta a indagação do médico: “Porque não me chamou antes?” ele responde; “Foi uma coisa e depois outra. O milho, os meninos e eu queríamos colher todo (...) Não é que eu não queria gastar o dinheiro. Só fiquei pensando (...) Ela vai embora mesmo, não vai?” (FAULKNER, 2001p. 44). Pode-se afirmar que inconscientemente eles cometem uma eutanásia passiva, ou seja, negam a moribunda, tratamento ou recursos que poderiam prolongar-lhe a vida. Isso é um ato de egoísmo, agem à margem da emoção, colocam acima do exercício humanitário, apenas preocupações rotineiras.

Assim assistem a vegetatividade, daquela que lhe dera os filhos, e a esses, a vida, numa indiferença indisfarçável.

É perceptível o distanciamento de todos, cada um envolvido com seus afazeres, isso sem alterar suas rotinas. Com exceção da filha Dewey Dell que permanece ao lado da mãe e a abana; “(...) a mão inábil como um garfo.” Isto é, num exercício mecânico. E envolvida neste estado de letargia, não encontra sentidos para chorar e afirma: “Não sei nem se estou me preocupando ou não. Se posso ou não. Não sei nem se posso chorar. Não sei nem se tentei ou não. Eu me sinto como uma semente molhada na terra quente e cega.” (FAULKNER, 2001, p. 60). Nem é possível esperar outra reação da parte de Dewey Dell, pois grávida de dois meses e abandonada a própria sorte por Lefe, o namorado; e com dez dólares no bolso para um aborto premeditado, isso sem ninguém para desabafar, resta-lhe apenas permanecer ao lado da mãe, num silêncio sacrático e esperar o inevitável acontecer.

Na obra, é notável durante o tempo da convalescença, a resignação de Addie frente a inevitável presença da morte. Da janela do quarto onde agoniza, assiste em inalterada e sem melancolia, a construção de seu caixão, feito por Cash, seu filho, como se estivesse aprovando ou desaprovando a madeira empregada na construção de seu depositário depois de morta. E exposta a esse quadro deprimente, como figura principal dessa cena, ela consegue anestesiá-las suas emoções e jogá-las para o inconsciente; “(...) morrendo sozinha, escondendo seu orgulho e seu coração partido (...)” (FAULKNER, 2001, p. 26). São seus últimos lamentos! Está decretada sua morte, mas nada a sua volta altera seu estado de lassidão, como se observa no fragmento a seguir:

seus olhos parecem lamparinas reluzindo tremeluzindo pouco antes de o óleo acabar (...) todas a vida que resta a ela parece ser drenada por seus olhos, urgente, irremediável (...) Por alguns instantes ela olha para eles, sem reprovação, sem absolutamente nada, como se seus olhos ouvissem por si só o irrevogável cessar da voz deles (...) (FAULKNER, 2001, p.45-46).

Ou ainda em:

(...) uma inércia crispada, retorcida; um aspecto exaurido, mas ainda vigilante do qual o cansaço, o esgotamento, o trabalho árduo ainda não desapareceram, como se ainda duvidassem do descanso, aguardando em agudo e penurioso alerta o término do que sabem que não pode durar. (FAULKNER, 2001, p. 49)

Talvez porque em reminiscência guardasse as palavras de seu pai, vale lembrar; “que a razão de viver é se preparar para estar morto”. Sobre a morte HEIDEGGER explica-nos que: “Alcançar toda a totalidade da pré-sença na morte é, mesmo tempo, perder o ser do pré.” “A morte dos outros porém, se torna mais penetrante, pois o findar da pré-sença é “objetivamente” acessível. Sendo essencialmente ser-com-os-outros, a pré-sença pode obter uma experiência da morte.” (HEIDEGGER, 2000, p. 17) No sentido de morte proposto pelo filósofo alemão, a experiência da morte de outrem estava sendo vivida pela família de Addie, que experimentava a perda da mãe. A título de exemplo:

A indicação da morte dos outros como tema sucedâneo para a análise ontológica da conclusão e totalidade da pré-sença repousa ainda sobre uma pressuposição que mostra um inteiro desconhecimento do modo de ser da pré-sença. A pressuposição reside em se acreditar poder colocar arbitrariamente no lugar da pré-sença qualquer outra, de maneira que se teria acesso nos outros àquilo que, na própria pré-sença, não se deixa de experimentar. (HEIDEGGER, 2000, p. 19)

Por esse viés analítico a pressuposição refere-se ao fato de que mesmo a pessoa estando morta não deixa de existir, não tem como colocar outra no lugar para substituir, pois cada ser possui uma presença própria.

A matriarca da família Bundren internaliza todos seus sentimentos, emoções e sofrimento, sem denunciá-los a nenhum membro da família ou amigos. Por certo, acreditava que o choro seria uma espécie de canto, que teria como objetivo informar, aos outros o seu estado interno. Assim, num silêncio mortuário não manifesta à família, seu estado emocional. Afinal, ela era uma mulher orgulhosa, e havia entre eles um visível distanciamento cultural e mesmo sentimental.

O choro por mais singular que possa parecer, pode esconder uma dor verdadeira. É o que aconteceu a Vardman, o filho caçula, no momento da morte da mãe. Era uma criança, e certamente ainda não estava corrompido pela indiferença de seus demais familiares, ou por ter pouca idade e ainda ter sido submetido ao mesmo sofrimento que os demais membros da família, ou pela sordidez e dureza da vida. Assim, ele se permite extravasar sua dor, mas escondido para que ninguém da sua família o veja chorar, parece que ele tinha o conceito de que chorar era sinônimo de fraqueza, e era tratado de enxergavam como criança a exemplo;

Ai começo a corre (...) pulo da varanda, correndo (...) . entro no estábulo, tentando toca-lo, e então posso chorar e então vomito o choro (...), eu posso e então, então posso chorar, o choro pode. O choro faz muito barulho. Eu gostaria que não fizesse tanto barulho (...). corro no meio da poeira (...). Posso chorar quietinho agora, sentindo e ouvindo minhas lágrimas.” (FAULKNER, 2001, p. 51-52)

Parece ser proibido a Vardman demonstrar seu desespero, e desamparo com a morte da mãe, por isso ele chora no estábulo, toma a carroça, se entrega a uma corrida desenfreada, como se à medida que tomasse distância, pudesse fugir da própria realidade. Longe de todos, assim, esconder sua dor. Vardman é o único que consegue, por meio do choro copioso, expor seu sofrimento. Vê-se no romance que Vardman não é visto como criança, mas como uma “pessoa pequena”, por isso trabalhava como os adultos e testemunhava todos os processos naturais da vida, a saber, nascimento, doenças e morte.

Já Cash, a quem fora incumbido a tarefa de confeccionar o caixão da, assiste a morte da mãe a espreita;

Não se aproxima da cama. Fica no maio do quarto. Ele está olhando para o rosto sereno da mãe desvanecendo no crepúsculo como se a escuridão fosse precursora da derradeira terra, até que por fim o rosto parece flutuar desprendido, levemente como reflexo de uma folha seca. (FAULKNER, 2001, p. 48-49)

Para o carpinteiro não há tempo a perder, era precioso voltar à oficina e cumprir a determinação do pai, sua missão, seu calvário, construir o caixão de sua mãe num silêncio agônico. Parece que a cruz de Cash não era só a de fazer o caixão da mãe, no que caprichou o máximo que pode, mas também travar uma batalha com a água para conseguir salvá-lo da correnteza, quando já o transportavam para Jefferson. A exemplo: “Cash desapareceu, ainda segurando o caixão e depois eu já não conseguia ver o que acontecia a não ser o cavalo que resfoleava e se agitava.” (FAULKNER, 2001, p. 143). Depois de tanto tentar salvar o caixão ele parece perder o sentido e fica sem falar forma tão bruta que parecia que os demais membros da família não o durante algum tempo. Mesmo quando quebra a perna vendo que a família não tem dinheiro para procurar um médico, sofre calado sem reclamar. Este personagem é bastante determinado, começa a empreitada de construir o caixão da mãe e a leva até o fim, e depois o salva da água e quando quebra a perna e tendo ela imobilizada em cimento, quando lhe perguntam se está doendo ele responde; “Nada que não seja suportável, e

o suor grande como bolas de gude descendo pelo rosto da cor do mata-borrão.” (FAULKNER, 2001, p. 206)

A frieza e o autoritarismo de Anse, provavelmente tenham endurecido o coração de Darl e Jewel, que são obrigados pelo pai a fazer o último carregamento de milho, mesmo a mãe estando a beira da morte. Afinal de contas Anse só conseguia pensar que isso lhe renderia três dólares. Assim, se propõem à empreitada que os manteriam longe dos olhos da mãe, quando esta precisasse deles. Sabiam que o pai os estava afastando e nunca mais veriam a mãe com vida. A reação de Jewel ao regressar e se deparar com a mãe morta é estarrecedora, pois cabe a ele tirar da casa o corpo da mãe e se desespera com isso:

em seu rosto o sangue circula em ondas (...) O rosto fica verde e posso ouvir os dentes rangendo em seu hálito (...), o caixão virando, ele deixa passar por cima de seu corpo, oscilando, e o pára e o coloca no fundo da carroça com o mesmo movimento e olha para mim, seu rosto cheio de fúria e desespero. Vá pro inferno. Vá pro inferno.” (FAULKNER, 2001, p. 86-87)

Enquanto que Darl, antes de partir, queria dar o último adeus à mãe, num silêncio contido, a expiar de longe;

Ele veio até a porta e ali ficou, olhando a mãe moribunda (...), era entre ela e ele que havia entendimento e amor verdadeiro. Ele só olhou, sem se quer entrar onde ela pudesse vê-lo e ficar triste (...). Só ficou ali em pé e olhou a mãe moribunda, o coração cheio demais para palavras. (FAULKNER, 2001, p. 27)

Sua reação era uma contraposição às lágrimas derradeiras pela dor física e emocional, mas que mais tarde explodiria em riso; “Nem bem passamos a trilha de Tull quando Darl começou a rir (...), com a mãe morta no caixão aos seus pés, rindo (...), sentado no bando bem acima de onde ela repousava, rindo.” (FAULKNER, 2001, p. 92-93). Neurologicamente, rir e chorar são dois lados de um mesmo mecanismo, ou seja, quem contrariando seu estado emocional, tem a atitude de riso incontrolado, pode estar com choro contido, nesse instante, aproveita para expressar involuntariamente um sofrimento.

No romance, a dor não é só a da alma, mas física, esta também parece inexistente, ou melhor sufocada. Para Cash em especial, que com a perna quebrada por seis dias e recoberta de cimento. Repete, a cada instante: “Não me incomoda nada não dói nem um pouco”. Isso é

assombroso! Não representa uma atitude de coragem, mas a de dissolver ao extremo as sensações, parece estar mais a beira da loucura.

Pode-se dizer que o romance em questão é influenciado pelos fatores sociais em que os Estados Unidos passa na época, todas as aspirações ideológicas surgiram naquele momento como consequência do período pós-guerra, isso acarretou o surgimento de um dos movimentos literários mais importantes, a saber, o Modernismo e que em contrapartida proporcionou o surgimento de outro período literário, o pós-modernismo, período este bastante contestado na atualidade. Segundo HUTCHEON (1991) o pós-modernismo caracteriza-se por usar e subverter os mesmos conceitos, Faulkner faz isso na obra “Enquanto Agonizo”, quando fala sobre a intuição mais antiga, a familiar e a ataca crítica e ironicamente. A presença de um ambiente dotado de penúria e melancolia se junta a todo pessimismo e fatalismo que a obra nos remete. Já para JAMESON (2000) o pós-modernismo não se configura apenas como uma mudança no estilo, mas como uma variante cultural que atinge todas as esferas, sejam elas; políticas, econômicas, científicas e culturais.

Em “Enquanto Agonizo”, como já foi demonstrado, não se encontra as mesmas características de clã em que seja dado o mesmo direito de voz e alteridade perante as situações em que a família deve se unir para que as resoluções sejam tomadas com paridade. Logo no início deparamo-nos com uma espécie de ditador leigo a respeito de sua verdadeira função, vale lembrar, o patriarca da família, Anse um homem ganancioso, assim tornou-se incapaz de refletir sobre seu papel de enquanto pai, ser o provedor e esteio familiar até mesmo na hora da morte da esposa. Diante de instinto rude meio selvagem e outrora mesmo covarde ele recusa a dar a esposa auxílio médico, na intenção de poupar dinheiro. Encontra-se aqui uma das manifestações de brutalidade e egoísmo para com o seio familiar, uma vez que parte-se do princípio que o patriarca deve zelar e prezar para o bem de todos, seja ele social ou moral dentro de sua família e não a estabelecer condições que o levam a priorizar seus deleites de preenchimento apenas aos seus próprios interesses. Um egoísmo exacerbado em que seus limites de discernimento são postos à prova, nos faz refletir, se toda essa carga de valores atribuídos ao pai lhe compete esse direito de abuso de autoridade, atribuindo valores que ele elege como necessários ou não.

Quanto aos filhos encontra-se em cada um deles características diferentes. Uns com bom coração, mais parecidos aos da matriarca, outros com o mesmo egoísmo e falta de caráter do pai. O autor propicia aos personagens situações estreitamente relacionadas a vida real, da qual é indissolúvel a manifestação de uma força maior em que a identificação com seus

membros aconteça. Os fatores que levam a essa escolha são os mesmos para todos, a avareza, os propósitos afins e tudo aquilo que é capaz de gerar uma reestruturação mediante ao projeto de vida.

No desenrolar do enredo, a personificação de enquanto agonizo, fica a cargo não apenas da matriarca, que enquanto passa pelo seu processo de sofrimento, dor e angústia, além disso a dor física, isso porque mesmo os demais membros da família continuando a viver suas próprias vidas, cada um com seu propósito inerente sem ao menos atribuírem sentimento à mãe, um mascaramento de seus impulsos. Porém parece que de certa forma todos agonizavam cada um a seu modo, cada um deles carregava seu próprio inferno interior.

Addie, a matriarca, era uma mulher sozinha com seu próprio orgulho e segredo, pois escondia que tinha um filho ilegítimo com o missionário. Talvez seja pertinente dizer que essa viagem, esse sepultamento a ser feito em Jefferson fosse a última tentativa de Addie para unir a família, uma espécie de metáfora, que nem sempre condiz com uma crise de identidade, mas talvez seu problema de base. Parte-se do princípio que os demais personagens também se encontravam em condições semelhantes à da matriarca, não física mas psicológica, para resolver isso saem de seu meio, de seu lugar, sua condição, e no confronto com o outro, com o oposto, o diferente, passam a saber de si próprio e de seu sentido de estar no mundo, proporcionando assim a resolução e ou amenização de seus conflitos internos.

O romance pós-moderno propicia isso ao leitor quando lhe oferece múltiplas possibilidades de leitura, de interpretação, dessa forma quebra o conceito de verdade absoluta e traz à tona um olhar diferenciado abrangente sobre as coisas. O rance de Faulkner, ao ser narrado por vozes múltiplas, caracteriza-se num texto polissêmico que possibilita ao leitor uma visão ampla dos fatos e acontecimentos que envolveram a família Bundren, bem como, proporciona ao leitor um entendimento mais detalhado a cerca de si mesmo e do outro. Para Linda Hutcheon a ficção pós-moderna possibilita reflexão ao leitor, a exemplo:

Essa é a lição da inserção que a ficção pós-moderna faz com a duplicidade política da desmistificação por meio de seus narradores e de suas narrativas, autoconsciente mas também declaradamente manipuladores. Ela nos sugere que perguntemos qual é a diferença que pode haver (se é que pode haver alguma) entre, por um lado, a visão corrente da liberdade do leitor para 'politizar ativamente o texto' (T. Bennett 1979, 168) ao selecionar uma interpretação e, por outro lado, a noção de propaganda (a liberdade do autor para politizar ativamente o texto),um pouco menos corrente. (HUTCHEON, 1991, p. 260)

Há na obra “Enquanto Agonizo”, desmistificação de uma instituição das mais antigas, a familiar, quando se vê a inversão de valores de um pai que deveria primar pelo bem comum de sua família, mas que ao contrário, toma todas as decisões em benefício próprio, talvez o Anse não seja desta forma por pura maldade, mas como resposta ao sistema degradante em que o homem vê-se atrelado, e mesmo buscando sair disso de qualquer maneira, sente-se frágil e assim acaba se acomodando com a situação ou se tornando um ser alienado.

Uma família que segue os padrões, convenções da sociedade tem a hora das refeições como um momento sagrado, essa hora deve prevalecer um clima harmonioso e agradável já que simbolicamente representa devoção e agradecimento pelo alimento de cada dia, no entanto em num dos episódios da família Bundren, Anse, o pai demonstra descaso diante da morte eminente da esposa, apresenta um grau espantoso de falta de sensibilidade, age como se nada estivesse acontecendo, priorizando mais vez seu discurso autoritário e onipotente, pedindo a filha Dewey Dell que apresse-se para preparar o jantar, pois afirma que Cash precisa voltar a trabalhar para garantir o sustento da família, já que desde que a esposa adoecera ele parara de trabalhar. Isso mostra que ele só trabalhava quando a esposa o forçava a fazê-lo, como se observa em: “Coitado do Anse”, digo. “Ela conseguiu fazê-lo trabalhar durante trinta anos. Tem que estar cansada.” (FAULKNER, 2001, p. 34), observa-se na citação uma ironia pois quem está cansada é a moribunda por obrigar durante trinta anos o marido a trabalhar e não ele por trabalhar durante trinta anos, há aqui uma inversão, o que esclarece que Anse só trabalhava empurrado pela mulher e quando ela adoeceu não tinha mais ninguém que o obrigasse, então simplesmente parou de trabalhar, assim, vivendo apenas do fruto do trabalho de seus filhos.

Observa-se na obra uma grande presença de onomatopéias representativas de sons, a exemplo, os da confecção do caixão de Addie, manifestam-se em quase todos os capítulos remetendo-nos mais vez à agonia que mesma provavelmente sentia sendo uma telespectadora da própria morte, sem nada poder fazer, apenas agonizar e esperar o momento.

E assim o romance “Enquanto Agonizo” (1930), vai se enveredando pelos caminhos que sempre nos conduzirão a ambientes familiares frente a degradação, revelando os conflitos e a fragilidade, o desnorteio do homem mostrando as atrocidades, as injustiças, possibilitando o surgimento de que questionamentos tais como; se de fato é possível conhecer, compreender qual o papel real de todos os membros da família, ou melhor, do homem.

Através da explanação acima, observa-se que a seu modo, cada um dos membros da família Bundren encontra-se agonizando e não apenas a moribunda senhora Addie é

perceptível em cada personagem o dernorteio, a desorientação, os conflitos, a vontade de sair de alguma maneira da situação a qual estão atrelados, mas ao mesmo tempo a fragilidade de suas condições e o medo de cada um em tomar o rumo de sua própria vida. Cada personagem encontra-se tão centrado em seu próprio inferno interior que durante todo o trajeto percorrido até Jefferson para o sepultamento, o corpo de Addie, a mãe começa a exalar mau cheiro e nem um membro da família parece tomar consciência disso. Vê-se que depois de nove dias decorridos do falecimento de Addie e depois de tantas tormentas para sepultá-lo, depois de tê-lo salvado do , fogo, da água e dos urubus, cada um parece tomar as rédeas do próprio destino, cada um toma um rumo diferente. Anse, o marido finalmente consegue colocar sua dentadura e logo em seguida apresenta à família a nova senhora Bundren. Assim pode se dizer que o que manteve a família unida no mesmo propósito foi o sepultamento de sua matriarca mesmo que os motivos de cada um fosse diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tese pode-se dizer que a obra “Enquanto Agonizo” (1930), do escritor norte-americano, Willian Faulkner dá ao homem pós-moderno uma cópia de sua realidade, evidenciando o desnoriteio, a desorientação, as dúvidas que perpassam por ele. Nesse sentido questiona o conceito de verdade absoluta e traz à tona o conceito de que existe verdade em perspectivas plurais, isso posto que em sua análise cada personagem conta a história sob sua própria ótica. A obra em questão, discute as relações familiares enfatizando as diferenças, sugerindo que elas podem coexistir, nesse sentido, pode-se afirmar que a narrativa de Faulkner é uma narrativa aberta, a saber, não está pronta e acabada, assim sendo, traz várias possibilidades de leitura, o que propicia ao leitor um conhecimento mais apurado a cerca de si e do outro e pondera questionamentos sobre seu sentido de estar no mundo.

A obra retrata um contexto familiar rural de uma família pobre, os Bundren, destacando que as relações existentes entre membros da mais antiga das instituições, a saber, a familiar nem sempre acontece como é representada pela sociedade, assim Faulkner revela os bastidores dessa família, demonstrando que mesmo que os membros estejam próximos fisicamente, na verdade, estão distantes um do outro, cada um encontra-se mergulhado em seus próprios conflitos, desnoriteado.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL, Assis. *O romance da vanguarda: Joyce e Faulkner*, . Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- FAULKNER, William. *Enquanto Agonizo*. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Mandarin, 2001.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 12 ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- _____. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 7 ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- HARVY, David. *Condição pós-moderna*. Brasil Blackwell Ltda, 1992.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 7ª ed.: Rio de Janeiro, D&A, 2002.
- HUYSEN, Andréas. Mapeando o pós-moderno in: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org). *Pós-modernismo e Política*. Rio de Janeiro, Rocco, 1991, p. 15-80.
- JAMEISON. Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2ª ed.: São Paulo, Ática, 2002.
- LYOTARD, Jean François. *O pós-moderno*. 3ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1988.
- SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno in: *Nas malhas das letras: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco:2002.